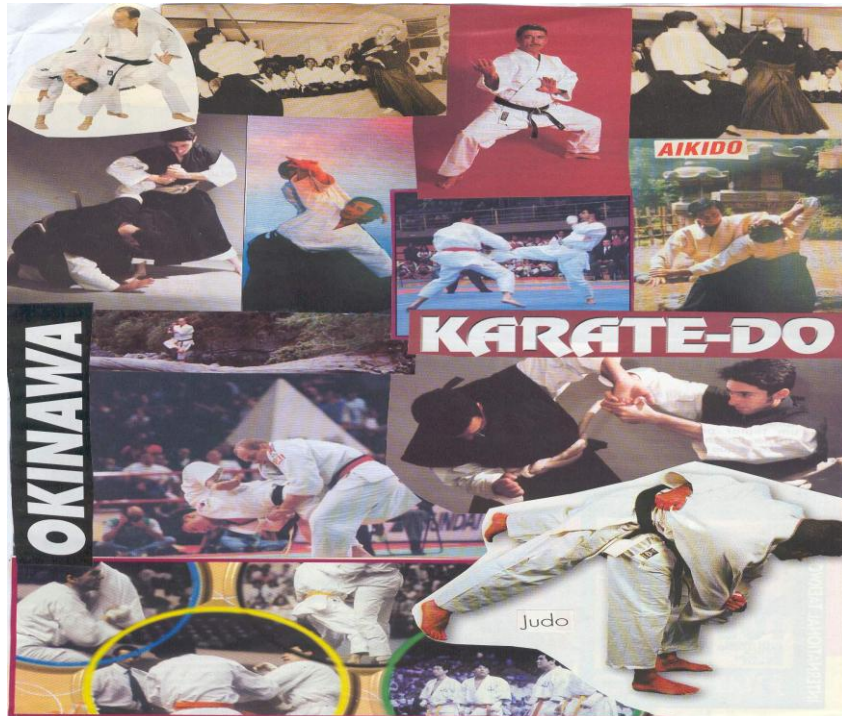


**Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana**

Psicologia do Desporto

Docentes:

Sidónio Serpa, Duarte Araújo



Prática de Artes Marciais e Agressividade

Manifestação em Jovens Praticantes de Karaté

Discentes

Bruno Avelar Rosa, Romero Santiago

2002

ÍNDICE

Índice	2
Introdução	3
Teorias e Manifestações da Agressividade em Relação à Prática de Artes Marciais/Desports de Combate	6
Metodologia	9
Amostra	9
Material	10
Procedimentos	11
Apresentação e Descrição dos Resultados	11
Discussão dos Resultados e Conclusões.....	14
Referências	18
Anexos	22

INTRODUÇÃO

A tradição marcial oriental deixa transparecer que as suas práticas têm por fim o ideal da “não violência” de modo a que o “combate não ocorra com os outros mas sim conosco”¹. O simbolismo deste facto é publicitado pela maioria dos instrutores, praticantes, revistas e livros da especialidade. Esta aparente evidência necessita de suporte científico que a credibilize, facto que se vem revelando de difícil estipulação, devido à falta de investigação (*in* Francisco, 1999), contradição dos resultados obtidos e número de variáveis presentes.

Hoje, o meio onde as Artes Marciais (transformados cada vez mais em Desportos de Combate²) se inserem é substancialmente diferente do meio de origem, pois os estímulos e as necessidades pautam-se por valores de diferentes ordens³: a violência expressa na imprensa, na televisão, no cinema, nos jogos de computador e no quotidiano, muitas vezes sob a forma de um combate de “aspecto” marcial, leva a que a prática de Artes Marciais também possa ser conotada com essa realidade (Back & Kim, 2001).

A faixa etária mais facilmente “inflamável” por estes fenómenos é a da adolescência, especialmente os rapazes no que toca à violência física (Simões, 1993; Bjorkvist & Varhama, 2001), pois estão numa etapa de geração de conflitos tanto íntimos como interpessoais, dado ser uma época de grandes transformações físicas, psíquicas e sociais (Loeber & Hay, 1997). A crescente importância das relações sociais na sua vida, reflectida na criação de ciclos com que se identificam e são identificados, o desaparecimento dos grupos estruturantes (família, aldeia, clã, etc.), a rebeldia na crença de ser diferente sendo igual e a confusão entre liberdade e libertinagem torna-os na faixa etária mais sensível à informação explícita (quotidiano) e implícita (media) catalisadora de fenómenos de agressividade. A prática de desporto tem sido cada vez mais apontada como uma solução .

¹ Este ideal está explícito no *Dojo Kun* (máximas) do Karaté-Do e no código moral das Artes Marciais (ver anexos 1 e 2).

² Embora não antagónicos, estes conceitos têm significados substancialmente diferentes. Para Fiadeiro (1984) “são expressões diferentes da mesma raiz, raramente encontradas na sua pureza total, mas sim em percentagens que variam consoante as vocações de cada organização”. As Artes Marciais têm um significado mais combativo e os desportos de combate mais desportivo.

³ A sociedade, a forma como esta se desenvolve e o tipo de relações que nela se criam servem de base a muitas teorias da agressividade (teoria da aprendizagem social, teoria da frustração-agressão, ...).

Singer (1985, citado por Grinvald, 1997) afirma que “o desporto promove a saúde mental, a paz de espírito (...) pode aliviar as hostilidades naturais e a agressividade. Reduz a delinquência, a criminalidade e a violência”. Esta perspectiva pressupõe duas questões, uma onde o desporto é uma conduta educativa promotora de valores ético-morais, outra, onde vai de encontro à perspectiva catártica, em que o desporto serve como uma forma de “descarga de energia”, embora segundo Serpa (1989) esta hipótese caminhe num sentido negativo. Noutra perspectiva, a prática de desporto é apontada como um fenómeno propulsor da agressividade (*in* Balagué, 1981), na medida em que é a própria competição inerente a estimulá-la, por efeito da excitação por si promovida.

Embora a maior parte dos estudos sobre agressividade no desporto não incidam sobre praticantes de Artes Marciais/Desportos de Combate, as teorias psicológicas sociais afirmam que esta aumenta pela aquisição de um repertório agressivo (no caso as técnicas de combate), bem como pela desinibição do reforço da agressividade através da prática destas disciplinas (Bandura, 1973). Contudo, Battigne (2002) afirma que “os desportos de combate desenvolvem qualidades como a coragem, o auto-conhecimento, a auto-confiança, o auto-controlo, o respeito pelas regras e pelo próximo e a cordialidade”.

A aquisição das referidas qualidades tem no tempo de prática uma variável fundamental, Fuller (1988), afirma que os praticantes com mais experiência são também aqueles que são mais susceptíveis de terem sofrido mudanças na sua personalidade, enquanto Daniels e Thornton (1990) revelam que a experiência é inversamente proporcional aos níveis de hostilidade, o que é confirmado num estudo de Skelton, Berta e Glynn (1991), onde praticantes de Taekwondo mais graduados, logo com mais tempo de prática, revelam níveis mais baixos de agressividade. Por sua vez, Lorant & Reynes (2002), concluem que jovens Judokas com apenas um ano de prática apresentam um aumento relativo dos níveis de agressividade. Finalmente, Rothpearl (1980) regista uma correlação negativa entre Karatekas avançados e os níveis de hostilidade.

Ao estudar os efeitos psicológicos em Karatekas avançados que interromperam o seu treino por uma semana, Szabo & Parkin (2001) concluem que a prática assídua também assume relevo, uma vez que os níveis de agressividade aumentaram nesse período.

Assim, o objectivo desta pesquisa é perceber o efeito da prática assídua de Artes Marciais, neste caso o Karaté, na agressividade em jovens praticantes, procurando compreender algumas das variáveis que concorrem para o estabelecimento ou não de condutas agressivas nesta modalidade. Deste modo, consideramos como hipótese que os níveis de agressividade são distintos entre jovens praticantes e não praticantes de Artes Marciais.

TEORIAS E MANIFESTAÇÕES DA AGRESSIVIDADE EM RELAÇÃO À PRÁTICA DE ARTES MARCIAIS/DESPORTOS DE COMBATE

Grande parte dos estudos sobre agressividade não incidem em praticantes de Artes Marciais/Desportos de Combate. No entanto, são estes um campo privilegiado para confrontar com as teorias da agressividade que hoje são reconhecidas no campus científico.

Baseando-nos em Balagué (1981), Serpa (1996), Stephens (1998) e Becker (2001), apresentamos um quadro resumo das principais teorias direccionadas para o fenómeno da agressividade.

Teoria do Instinto	Originalmente proposta por Freud (1925), esta posição assume que a agressividade é inata e uma resposta natural de todos os indivíduos e está relacionada com situações de sobrevivência e protecção do próprio território. Este tipo de agressividade foi inicialmente denominado de agressão como um instinto de morte através do qual o homem tendia à sua auto-destruição, facto que poderia levar à desintegração da raça humana. Este instinto poderia ser dirigido para o exterior, conhecido hoje como uma agressão extrapunitiva, ou interiorizada (auto-punição). Esta teoria supõe que o desporto seria uma saída saudável para a raiva que uma pessoa tem dentro de si, aproximando os instintos humanos aos instintos animais, algo que não é possível para Cratty (1989; citado por Becker, 2001), uma vez que “a agressão humana não apresenta as características usualmente encontradas na conduta instintiva: universalidade e periodicidade”.
Teoria Reactiva-Frustração	Serpa (1996) refere que muitos investigadores “relevam o papel determinante da frustração em relação à expressão da agressividade no meio desportivo”. A prática competitiva criaria assim condições de frustração facilitadoras da agressão entre os participantes e os adeptos. Este facto explica-se devido ao bloqueio na concretização de uma determinada acção pretendida e não alcançada. No entanto, acreditando num correcto desenvolvimento da prática desportiva, baseado na aceitação dos valores e no crescimento plural dos seus intervenientes, as situações de agressividade não ocorreriam segundo esta teoria.

Teoria da Aprendizagem Social	Serpa (1996) assinala que “os diferentes estudos realizados no quadro da teoria da aprendizagem social assumem cada vez mais como evidente a relação existente entre o comportamento agressivo, o sucesso que lhe está associado e o reforço proveniente do meio social em interacção com os sujeitos”. Seria como se a conduta agressiva fosse aprendida concretizando-se numa série de hábitos e tradições culturais. Este facto supõe que, por exemplo, as práticas de desportos de combate possam tornar as pessoas mais agressivas se o seu ensino não for feito dentro dos paradigmas pacifistas promovidos culturalmente.
--------------------------------------	--

Independentemente das teorias que o reconhecem, o fenómeno da agressividade pode também ser expressado de variadas formas tal como refere Becker (1980; citado por Becker, 2001):

Activa - Verbal (linguagem, comentários maliciosos) - Gestual (gestos simbólicos da cultura) - Física a) sem contacto corporal b) com contacto corporal	Passiva - Atitudinal (silêncio) - Condutual (obstrução) - Cognitiva (pensamento) - Afectiva (ira)
---	--

Apesar da grande parte dos estudos sobre agressividade não incidirem sobre praticantes de Artes Marciais/Desportos de Combate e, por isso, não ser possível incluir estas práticas e o seu contexto de modo taxativo em qualquer das perspectivas apresentadas, estas teorias supõem, de um modo mais ou menos concreto, que a agressividade aumenta devido à aquisição de um repertório agressivo (neste caso, as técnicas de combate), assim como a desibição do reforço da agressividade através da prática destas disciplinas, ocorrente por exemplo na defesa do território ou perante algum foco de opressão.

Neste sentido, cremos ser importante também clarificar o significado da luta que baseia as Artes Marciais/Desportos de Combate e o percurso por onde evoluíram as suas práticas. A luta, desde sempre, esteve presente na vida humana, encontrando-se representações da mesma na grande maioria das culturas e civilizações. Supõe uma criação da sabedoria popular no transcurso de milhares de anos, pois tal como refere Castarlenas Llorens (1990), “podemos constatar que quase todas as culturas tiveram um tipo de luta próprio e autóctone que forma parte dos folclores e dos costumes do país”.

Hoje em dia, e como já superficialmente referenciado na introdução deste documento, o meio e a forma onde e como as práticas de luta se inserem é substancialmente diferente do meio de origem, uma vez que os seus estímulos e necessidades se pautam por valores de diversas ordens. Se antes as lutas se desenvolviam sob uma manifesta busca da sobrevivência; hoje, o carácter industrial por um lado, e a ascensão do paradigma pós-moderno por outro, encaminharam estas práticas para outras realidades impensáveis na sua génese. Actualmente, é frequente encontrarmos práticas lutatórias que desenvolvem um grande sentido espiritual, outras que se centram nas técnicas marciais e outras que realizam competições de carácter desportivo (Theebom & Knop, 1999). No entanto, o tratamento realizado por parte dos meios de comunicação ajuda a manter o carácter primitivo da luta pela sobrevivência, no sentido de que possamos encontrar os mesmos fenómenos de violência expressados na imprensa, na televisão, no cinema, nos jogos de computador, muitas vezes sob a forma de um combate de “aspecto” marcial, levando a que a “realização de estas práticas também possa estar conotada com essa realidade” (Back & Kim, 2001). A este respeito, Simon (1997) refere:

“Ainda que as ‘lutas’ sejam o mais natural das condutas manifestadas pelas crianças e adolescentes, a vertente da violência é mais recenté e deve ser tratada à escala educacional. É importante que os jovens sejam conscientes do aspecto destrutivo da violência e que saibam controlar ou desviar um certo grau de violência para fins constructivos e libertadores. Dito controlo da violência é uma via que utiliza a necessidade de luta sob uma perspectiva de compreensão mútua e, inclusivamente, como via comunicativa entre dois indivíduos. Uma via de comunicação mútua, protecção do adversario e de consideração pelas pessoas que o envolvem.”

Nesta linha, segundo Olivera (1984) “a luta representa para o Homem, o voltar às suas raízes, recuperando uma série de experiências motrizes básicas e decisivas no conjunto da motricidade humana”, pois tal como afirma Vergara (2001), “as actividades de luta não são em nenhum momento geradoras de violência, antes pelo contrário, demonstram que através delas é possível conquistar alternativas educativas”.

Desta maneira, e confrontando as perspectivas acerca da agressividade no ser humano e na prática de Artes Marciais/Desportos de Combate levaremos a cabo uma acção empírica no sentido de perceber a realidade desta manifestação em jovens praticantes.

METODOLOGIA

Amostra

Para a realização desta pesquisa seleccionámos indivíduos do sexo masculino com um intervalo de idades entre os 12 e os 16 anos. As razões desta escolha prendem-se com o facto de ser nos rapazes que se verifica uma maior exteriorização física da agressividade (Simões, 1993; Bjorkvist & Varhama, 2001) e por ser neste intervalo que se dá a transição da infância para a idade adulta, época normalmente associada a uma grande geração de conflitos (Loeber & Hay, 1997). Seguindo a orientação de Francisco (1999), escolhemos o Karaté⁴ como a Arte Marcial de referência por este reunir um conjunto de características intrínsecas, na medida em que enfatiza os socos e os pontapés (técnicas letais), o que parece ser inerentemente mais agressivo que as projecções e imobilizações usadas por exemplo no Judo (Nosanchuk & Lamarre, 1999).

Assim, a amostra recolhida é constituída por 60 indivíduos (14,5±1,47 anos). Destes, 30 são praticantes de Shotokai (estilo de Karaté-Do que enfatiza os valores tradicionais das Artes Marciais - ver anexo 3 -), tendo como requisitos mínimos um tempo de prática de 1 ano, graduação de 5º Kyu (cinto amarelo) e dois treinos semanais, enquanto os outros 30 não são praticantes de Karaté e o único requisito exigido foi não terem experiência anterior em Artes Marciais (ver anexo 5).

Dentro dos referidos grupos é realizada uma separação dos indivíduos em subgrupos de acordo com o nível e tipo de prática (ver anexo 6), com o intuito de, extensivamente, relacioná-los com os valores de agressividade obtidos.

Para a distinção entre os praticantes temos em conta a indicação de Layton (1993), que aponta o tempo de prática como o indicador mais fiável do nível dos praticantes. Contudo, assumindo que este tem correspondência nas diversas graduações consideramos aqueles que possuem 2º Kyu (cinto azul) ou graduações mais elevadas

⁴ Frequentemente junta-se o sufixo *Do* (via; caminho para) ao termo Karaté. Este conceito é associado à concepção holística da prática. Utiliza-lo-emos consoante o contexto.

como o subgrupo dos praticantes de Karaté experientes (com n=17) e os que possuem 3º Kyu (cinto verde) ou graduações menos elevadas como o subgrupo dos praticantes de Karaté inexperientes (n=13). A separação entre cintos negros (“avançados”) e outros cintos (“não avançados”) avançada por Nosanchuk (1981) revela-se pouco exequível pelo facto de estarmos a tratar jovens praticantes.

No caso dos não praticantes de Karaté, a distinção foi feita com base na prática ou não de actividades desportivas. Assim temos o subgrupo dos indivíduos não praticantes de Karaté mas desportistas (n=17) - praticam habitualmente modalidades como o Surf, Hóquei em patins, Futebol, Rugby, Natação e Ténis - e o subgrupo dos indivíduos não praticantes de Karaté e não desportistas (n=13).

Material

O instrumento utilizado foi o questionário de agressividade (Aggressiveness Questionnaire) de Buss & Perry (1992), adaptado à população portuguesa por Simões (1993). É um instrumento utilizado frequentemente enquanto avaliador de traço de disposição para manifestar fenómenos agressivos. Este questionário é composto por 29 itens (ver anexo 4) que invocam situações concretas permitindo medir a agressividade em quatro dimensões distintas, das quais se obtém um resultado global de agressividade (ver anexo 7). As cotações de cada item variam de 1 (nada) a 5 (muito), excepto nos itens 10 e 12, onde a ordem se inverte.

A agressividade é caracterizada pela disposição relativamente constante para realizar comportamentos violentos (*in* Becker, 2001) com a intenção de provocar danos físicos ou psicológicos a outrém (*in* Silva, 2000), podendo ser avaliada em três domínios que têm correspondência nas dimensões tratadas pelo questionário por nós utilizado:

- Domínio instrumental (Agressividade Física e Agressividade Verbal);
- Domínio afectivo (Irritabilidade);
- Domínio cognitivo (Hostilidade);

Procedimentos

Foi pedido aos participantes que quantificassem até que ponto cada item se aplicava a eles próprios: *nada*; *quase nada*; *assim-assim*; *bastante*; *muito* (ver anexo 4). Os itens não respondidos não são cotados (0,4% do total de itens dos questionários aplicados).

No caso dos praticantes, os questionários foram efectuados no ginásio onde estes treinam, imediatamente antes (60%) ou após (40%) o treino tomar lugar. A aplicação dos questionários aos indivíduos não praticantes foi feita em escolas secundárias (33,3%) e através de abordagem realizada na rua (67,7%).

As únicas indicações prestadas aos participantes foram as expressas na folha onde estes preencheram o questionário.

Apresentação e Descrição dos Resultados

Os resultados obtidos têm a seguinte descrição:

QUADRO Nº 1: Médias e Desvios Padrão dos grupos nas dimensões mensuradas (ver anexos 10, 12, 14, 16, 18 e 20);

	Praticantes (n = 30)		Não Praticantes (n = 30)	
	M (μ)	DP (σ)	M (μ)	DP (σ)
Agres. Física	20,9667	5,8397	22,1333	6,8367
Agres. Verbal	12,1333	3,0295	12,3333	3,1110
Irritabilidade	19,6667	5,8388	18,7333	4,9266
Hostilidade	19,5553	6,2628	17,1000	5,0127
Global	72,3000	17,1668	70,3000	14,1742

Legenda: **M:** Média; **DP:** Desvio-Padrão.

De um modo geral, os valores obtidos entre os grupos são bastante próximos entre si. A dimensão que tem resultados mais próximos é a Agressividade Verbal (diferença de 0,1), enquanto que a Hostilidade apresenta uma maior diferença (diferença de 2,4553). Os praticantes têm níveis menos elevados nas dimensões Agressividade Física e Verbal e mais elevados nas dimensões Irritabilidade, Hostilidade e global (ver anexo 20).

QUADRO N° 2: Médias e Desvios Padrão dos subgrupos nas dimensões mensuradas (ver anexos 11, 13, 15, 17, 19 e 21);

	PE (n = 17)		PI (n = 13)		NP-D (n = 17)		NP-ND (n = 13)	
	M (μ)	DP (σ)	M (μ)	DP (σ)	M (μ)	DP (σ)	M (μ)	DP (σ)
AF	20,4706	4,7542	21,6154	6,7657	23,1176	6,8418	20,8462	6,3348
AV	11,3529	1,7130	13,1538	3,8399	13,1176	2,7415	11,3077	3,1473
I	18,4118	4,8635	21,3077	6,3535	19,9412	5,0465	17,1538	4,0544
H	17,9412	4,0362	21,6154	7,6514	17,8824	3,6118	16,0769	6,0949
Global	68,1765	11,1119	77,6923	21,0837	74,0588	13,7005	65,3846	12,6524

Legenda: **PE:** Praticantes Experientes; **PI:** Praticantes Inexperientes; **NP-D:** Não Praticantes – Desportistas; **NP-ND:** Não Praticantes – Não Desportistas; **AF:** Agressividade Física; **AV:** Agressividade Verbal; **I:** Irritabilidade; **H:** Hostilidade; **M:** Média; **DP:** Desvio-Padrão.

No que toca aos subgrupos, os não praticantes – não desportistas e os praticantes experientes apresentam níveis de agressividade mais reduzidos que os não-praticantes-desportistas e os praticantes inexperientes (ver anexo 21). Esta dicotomização é mais evidente nas dimensões Agressividade Verbal, Irritabilidade e global, enquanto na Agressividade Física os subgrupos encontram-se mais próximos entre si, tendo os não praticantes – desportistas os valores mais elevados. Na dimensão Hostilidade os praticantes inexperientes têm valores mais elevados que os outros três subgrupos.

Para determinar a Significância das diferenças entre grupos e subgrupos recorreremos à estatística inferencial:

QUADRO 3: Comparação entre grupos através do teste *t de Student* (I.C. = 95%; $p = 0,05$)

	A. Física	A. Verbal	Irritabilidade	Hostilidade	Global
T	-0,711	-0,210	0,669	1,661	0,492
Significância	0,480	0,834	0,506	0,102	0,625
Diferença	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.

Não se registam diferenças significativas entre os grupos em todas as dimensões. Deste modo, a hipótese por nós formulada, *os níveis de agressividade são distintos entre jovens praticantes e não praticantes de Karaté*, é rejeitada.

Devido ao reduzido número de indivíduos de cada subgrupo não constituir uma distribuição normal o cálculo comparativo entre estes tem de ser efectuado por métodos não paramétricos.

QUADRO 4: Comparação entre subgrupos através do teste *Kruskal-Wallis* (I.C.=95%; p=0,05)

	A. Física	A. Verbal	Irritabilidade	Hostilidade	Global
<i>H</i>	1,466	6,077	4,206	4,835	4,394
Significância	0,690	0,108	0,240	0,184	0,222
Diferenças	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.	Não Sign.

Também não existem diferenças significativas entre os subgrupos para todas as dimensões, o que vem reforçar a rejeição da hipótese considerada, independentemente do nível e tipo de prática. Assim, torna-se irrelevante a comparação discriminada dos subgrupos, no entanto esta está consultável no anexo 22.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Os resultados obtidos apontam para a não existência de diferenças significativas nos níveis de agressividade entre praticantes e não praticantes de Karaté, mesmo entre diferentes níveis de prática. Estes resultados não suportam os ideais holísticos das Artes Marciais em geral e do Karaté-Do em particular. Todavia, os praticantes também não se revelam indivíduos mais agressivos, apesar de terem como instrumento de treino técnicas de combate letais, como supõe Bandura (1973), no entanto são dadas indicações de como os praticantes mais experientes podem, eventualmente numa amostra maior, atingir resultados mais positivos.

Várias situações poderiam ter sido tidas em conta para uma maior profundidade do estudo por nós realizado. Apesar da sua validação estatística, o reduzido número da amostra apenas permite tecer algumas considerações e indicações das relações entre os diferentes grupos e subgrupos. O local de residência também poderá eventualmente provocar resultados diferentes, uma vez que esta amostra tem uma distribuição heterogénea na sua origem, dividindo-se entre o meio urbano e o semi-rural, que evidentemente propiciam estímulos e respostas dispares entre si. A não discriminação do nível de prática dos não praticantes de Karaté e desportistas revelou-se um erro metodológico, pois Silva (2000) conclui que o tipo e nível de prática desportiva é fundamental para a evolução e determinação dos níveis de agressividade. Finalmente, o questionário aplicado apenas mensura e relaciona em dimensões situações estipuladas pelos itens, o que pode levar a uma deturpação inconsciente ou mesmo intencional das respostas às questões que invocam atitudes socialmente reprováveis, assim, seria necessário a aplicação de um instrumento que utilizasse como intermediário um mecanismo de funcionamento psicológico universal - a “projecção” - (Francisco, 1999), logicamente esta realidade está fora das nossas competências.

Com o desenvolvimento da pesquisa várias foram as questões que se levantaram, apontando diversas orientações e variáveis que vieram tornar cada vez mais complexo o tema tratado.

Os Desportos de Combate considerados Artes Marciais (refiro-me portanto às práticas de luta oriental), trazem da sua origem aspectos socioculturais que não têm uma transição fluída e linear (Francisco, 1999). A falta de conhecimentos e entendimento dos aspectos culturais e muitas vezes filosóficos por parte dos alunos e, principalmente, por parte dos instrutores ocidentais (responsáveis máximos da formação dos praticantes), pode causar sérias deturpações da mensagem humanista, primordial na concepção destas práticas (Mesquita, 2001).

Contudo, também intra-Artes Marciais encontramos diferentes perspectivas de abordagem da prática que poderão formar diferentes resultados. A diferenciação clássica distingue Artes Marciais “internas” (foco no desenvolvimento da espiritualidade através do corpo, ou seja, no *Ki* – energia vital da vida) e “externas” (foco na potencialização de técnicas de combate). Para Theebom & De Knop (1999), as Artes Marciais/Desportos de Combate possibilitam três tipos de abordagem prática, Desportiva, de Eficácia Marcial e Tradicionalista, em cada uma delas o conceito de prática tem um significado diferente. A primeira aborda o combate marcial num sentido desportivo, através da competição entre os praticantes, a segunda potencializa a aplicação das técnicas de combate como instrumento útil em situações conflituosas e a terceira visa a recreação, unificação e optimização da relação corpo/espírito. O mesmo estudo revela que jovens praticantes envolvidos na abordagem tradicionalista, tal como os da amostra (o Shotokai é um estilo de Karaté-Do com carácter tradicionalista -ver anexo 3-), têm menores níveis de satisfação, performance e auto-percepção, ocorrência que poderá elevar os seus níveis de frustração logo, segundo, a teoria da frustração-agressão, desenvolver comportamentos agressivos. É sugerido que estes não estão preparadas para compreender os princípios subjacentes a esta perspectiva. Este facto é contrariado por Trulson (1986), que conclui que jovens delinquentes, praticantes experimentais de Taekwondo tradicional, têm uma redução acentuada dos seus níveis de agressividade, enquanto McGowan & Pierce (1992) registam níveis de hostilidade mais elevados em competidores nos momentos antes da competição, especialmente nos menos experientes. Defendendo a perspectiva desportiva, Lorant & Reynes (2001), concluem que o Judo de competição não só não atrai jovens agressivos como os seus praticantes também apresentam uma diminuição dos níveis de agressividade.

Independentemente das perspectivas, é reconhecido o valor das práticas lúdico-desportivas das lutas no desenvolvimento social e psicomotor dos jovens em crescimento e desenvolvimento (Neto, 2002). Esta realidade reflecte-se na inclusão dos Desportos de Combate nos programas da Educação Física escolar (Figueiredo, 1997).

Outra questão fundamental na prática das Artes Marciais e que não foi devidamente esclarecida por nós prende-se com os efeitos da prática nos níveis de agressividade consoante a experiência dos praticantes. Para uma observação mais coerente e sistematizada existiria a necessidade de aplicar um protocolo longitudinal pois importa saber o nível de agressividade inicial dos praticantes. Porém, apesar de clarificador, o tempo é também uma forte contrariedade para o desenvolvimento deste tipo de estudos, visto tornarem-se num processo moroso e quiçá desmotivante.

Algumas conclusões dos níveis de agressividade ao longo do tempo têm sido registadas. Lorant & Reynes (2002b) concluem não haver diferenças significativas em jovens praticantes de Karaté, após um ano de prática, no entanto, no estudo dos mesmos autores (2002a) referido na introdução, os valores obtidos são menos optimistas. Por sua vez, Tauiliili (1995) conclui que os níveis de agressividade de jovens praticantes de Aikido não diminuíram após duas semanas e meia de treino diário intensivo, enquanto Madden (1990) aponta uma diminuição dos níveis de agressividade em quatro grupos de indivíduos que participaram em cursos intensivos de Karaté com a duração de seis meses.

Os estudos que apontam para a existência de níveis de agressividade inferiores nos praticantes experientes induzem, por um lado, a existência de uma diminuição progressiva dos níveis de agressividade ao longo da prática, como pressupõe Trulson (1986) ao sublinhar as qualidades psicoterapêuticas da prática de Artes Marciais em jovens delinquentes, por outro, os praticantes mais experientes também podem resultar de uma “selecção natural”, na medida em que se adaptam mais facilmente aos princípios éticos e práticos das Artes Marciais (Layton, 1988; Kurian, 1994; Nosanchuk & Lamarre, 1999).

Também a motivação e expectativas de um indivíduo ao iniciar um processo de treino podem revelar-se determinantes. É neste sentido que Fuller (1988) levanta a hipótese

das pessoas poderem iniciar-se nas Artes Marciais por razões diferentes o que, segundo Anyanjour (1981) pressupõe que a personalidade de um indivíduo é mais causa para praticar uma determinada Arte Marcial do que um efeito da sua prática. Para Twemlow's & Lerma (1996) a atracção maior nas Artes Marciais relaciona-se com os rituais que, simbolicamente, desenvolvem e resolvem uma série de questões existenciais (razão relacionada com a abordagem tradicionalista da prática).

Apesar dos resultados da nossa pesquisa não trazerem grandes revelações ao tema, julgo terem ficado lançadas uma série de questões de interesse que mostram o enorme potencial do desporto e das Artes Marciais no aprofundamento do conhecimento dos fenómenos agressivos.

REFERÊNCIAS

- ANYANJOR, T. (1981). Expressive and instrumental power of structures relating to aggressive behavior. In R.L. Holloway (Ed.). Dissertations Abstracts International, 42 (1-A), 130-131.
- BACK, D.; KIM, A. (2001). The way to go: philosophy in Martial Arts practice. Reviewed by R. Massanari. Journal of the Philosophy of Sport, XXVIII, 245-251.
- BALAGUÉ, G. (1981). Análisis psicológico de la agresividad en el deporte. Apunts de Medicina Deportiva, 18, 19-35.
- BANDURA, A. (1973). Social learning theory of aggression. In J. F. Knutson (Ed.). Control of Aggression. Chicago, E.U.A.: Aline Publishing Co..
- BATIGNE, L. (2002). Violence et Sports de Combat. Revue de Education Physique et Sport, 293, 78.
- BECKER, B. (2001). Manual de Psicologia del deporte y Ejercicio. Novo Hamburgo, Brasil: Editora Feevale.
- BJORKVIST, K.; VARHAMA, L. (2001). Attitudes toward conflict resolution among male and female Karateka comparison with practitioners of other sports. Perceptual and Motor Skills, 92, 586-588.
- CASAL, H.; HOKINO, M. (2001). Revista Digital de EF y Deportes (4 Novembro, 2002). A aprendizagem do Judô e os níveis de raiva e agressividade. [On-line]. Avaliável no endereço: www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm
- CASAL, H.; SILVA, E. (2000). Revista Digital de EF y Deportes (4 Novembro, 2002). Manifestação de comportamentos agressivos em praticantes de Artes Marciais. [On-line]. Avaliável no endereço: www.efdeportes.com/efd25/artesm.htm
- CASTARLENAS LLORENS, J. (1990). Deportes de Combate y Lucha: aproximación conceptual y pedagógica. Apunts: Educació Física i Esports, 19, 21-28.
- CERVEIRA, R. (1996). Karaté-Do Memo. Lisboa: Associação Portuguesa de Karaté-Do.
- DANIELS, K.; THORNTON, E. (1990). An analysis of the relationship between hostility in the martial arts. Journal of Sports Science, 8, 95-101.

- DUTHIE, R.; HOPE, L.; BARKER, D. (1978). Selected personality traits of martial artists measured by the adjective checklist. Perceptual and Motor Skills, 47, 71-76.
- FIADEIRO, J. (1984). Artes Marciais/Desportos de Combate – evolução ou vias diferentes. Ludens, vol. 8, n.º3, 35-39.
- FIGUEIREDO, A. (1987). O significado actual do Karaté Arte Marcial/Desporto de Combate?. Horizonte, IV, nº 22, Dossier.
- FIGUEIREDO, A. (1994). A génese do Karaté moderno (Séc. XIX e XX). Lisboa: Federação Nacional de Karaté-Portugal, Sector Técnico - Departamento de Formação, Divisão de Treinadores.
- FIGUEIREDO, A. (1997). Os Desportos de Combate nos programas de Educação Física. Horizonte, vol. XVI, nº 80, 36-39.
- FUNAKOSHI, G. (1973). Karaté-Do Kyohan: The Master Text. Translated by T. Ohshima. New York, E.U.A.: Kodansha International.
- FRANCISCO, N. (1999). A Agressividade em Praticantes de Artes Marciais: Intensidade e Natureza. Monografia de fim de curso. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- FULLER, J. (1988). Martial Arts and psychological health. British Journal of Medical Psychology, 61, 317-328.
- GALIMARD, P. (1972). A criança dos 6 aos 15 anos. Lisboa: Moraes Editores.
- GRINVALD, R. (1997). Revista Digital de EF y Deportes (4 Novembro, 2002). Agresion y violencia en el Deporte. [On-line]. Avaliável no endereço: www.efdeportes.com/efd8/rcgrinv8.htm
- HACKER, F. (1971). Agressividade – a violência do mundo moderno. Lisboa: Livraria Bertrand.
- KURIAN, M. (1994). Relating scales on the children's personality questionnaire to training time and belt rank in ATA Taekwondo. Perceptual and Motor Skills, 79, 904-906.
- LAYTON, C. (1988). The personality of black-belt and non-black-belt traditional Karateka. Perceptual and Motor Skills, 67, 218.
- LAYTON, C. (1993). A call for the clarification of the split and inclusion of correlations in studies of duration and psychological benefits of Martial Arts practice. Perceptual and Motor Skills, 76, 530.

- LOEBER, R.; HAY, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. Annual Review of Psychology, 48, 371-410.
- LORANT, J.; REYNES, E. (2001). Do competitive martial arts attract aggressive children? Perceptual and Motor Skill, 93, 382-386.
- LORANT, J.; REYNES, E. (2002a). Effect of traditional Judo training on the aggressiveness among young boys. Perceptual and Motor Skills, 94, 21-25.
- LORANT, J.; REYNES, E. (2002b). Karaté and aggressiveness among eight-years-old boys. Perceptual and Motor Skills, 94, 1041-1042.
- MADDEN, M. (1990). Attribution of control and vulnerability at the beginning and end of a Karate course. Perceptual and Motor Skills, 70, 787-794.
- MCGOWAN, R.; MILLER, M.; HENSCHEN, K. (1990). Differences in mood states between belt ranks in Karate tournament competitors. Perceptual and Motor Skills, 71, 147-150.
- MESQUITA, C. (2001). Artes Marciais – Uma prática de educação ou violência. In Guedes, O. (Ed.). Judô – Evolução Técnica e Competição. João Pessoa, Brasil: Editora Idéia.
- NETO, C. (2002). Notas de Curso. Desenvolvimento e Adaptação Motora. FMH-UTL. Cruz Quebrada.
- NOSANCHUK, T. (1981). The way of the warrior: the effects of traditional Martial Arts on aggressiveness. Human Relations, 34, 435-444.
- NOSANCHUK, T.; MACNEIL, M. (1989). Examination of the effects of traditional and modern Martial Arts training on aggressiveness. Aggressive Behavior, 15 (2), 153-159.
- NOSANCHUK, T.; LAMARRE, B. (1999). Judo – the gentle way: a replication of studies on Martial Arts and aggression. Perceptual and Motor Skills, 88, 992-996.
- OLIVERA, J. (1984). Prólogo. 1000 Ejercicios y Juegos de Actividades de Lucha. In Torres, G. (ed.). Barcelona: Editorial Paidotribo, 6-8.
- PAYNE, P. (1981). Martial Arts – The Spiritual Dimension. Londres, Inglaterra: Thames and Hudson.
- RIVIER, B. (1975). O Desenvolvimento Social da criança e do Adolescente. Lisboa: Editorial Aster.

- ROTHPEARL, A. (1980). Personality traits in martial artists: a descriptive approach. Perceptual and Motor Skills, 50, 395-401.
- SERPA, S. (1989). Atitudes perante a agressividade no desporto. Motricidade Humana, vol. 5, n^o2, 72-88.
- SERPA, S. (1996). Os comportamentos agressivos no Desporto. In Cruz, J. (Ed.). Manual de Psicologia do Desporto. Braga: Lusografe.
- SIMÕES, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? Revista Portuguesa de pedagogia, XVII, 387-404.
- SIMON, W. (1997). Las actividades de Lucha en el diseño curricular. El Judo y las Ciencias de la Educación Física y el Deporte. Bilbao: Instituto Vasco de Educación Física.
- SILVA, P. (2000). Espírito Desportivo e Agressividade: um estudo com alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre. Faculdade de Motricidade Humana. Cruz Quebrada.
- SKELTON, D. GLYNN, M.; BERTA, S. (1991). Aggressive behavior as a function of Taekwondo ranking. Perceptual and Motor Skills, 72, 179-182
- STEPHENS, D. (1998). Aggression. Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement. Duda, J. (Ed.). EUA: Fitness Information Technology.
- SZABO, A.; PARKIN, A. (2001). The psychological impact of training deprivation in martial artists. Psychology of Sport and Exercise, 2, 287-299.
- TAUILILI, J. (1995). Does brief Aikido training reduce aggression of youth? Perceptual and Motor Skills, 80, 297-298.
- THEEBOOM, M.; KNOP, P. (1999). Asian Martial Arts and approach of instruction in physical education. European Journal of Physical Education, 4, 146-161.
- TWEMLOW, S.; LERMA, B.; TWEMLOW, S. (1996). An analysis of students reasons for studying Martial Arts. Perceptual and Motor Skills, 83, 99-103.
- TRULSON, M. (1986). Martial Arts training: a novel “cure” for juvenile delinquency. Human Relations, 39 (12), 1131-1140.
- VERGARA, E. (2001). Las actividades luctatorias y la formación en valores. Revista Educación Física y Deporte, 21 (2), 99-104.
- WALL, W. (1968). A Adolescência. Lisboa: Livros Horizonte.

ANEXOS

- Anexo 1: *Doju Kun* (máximas do Karaté-Do);
- Anexo 2: Código moral das Artes Marciais;
- Anexo 3: Karaté – Linha Shoto – Shotokai - História e caracterização;
- Anexo 4: Questionário de agressividade utilizado;
- Anexo 5: Características dos grupos da amostra,
- Anexo 6: Características dos subgrupos da amostra;
- Anexo 7: Valores médios totais das respostas da amostra para cada item;
- Anexo 8: Respostas ao questionário aplicado aos praticantes de Karaté;
- Anexo 9: Respostas ao questionário aplicado aos não praticantes de Karaté;
- Anexo 10: Comparação dos valores médios obtidos pelos grupos na dimensão Agressividade Física;
- Anexo 11: Comparação dos valores médios obtidos pelos subgrupos na dimensão Agressividade Física;
- Anexo 12: Comparação dos valores médios obtidos pelos grupos na dimensão Agressividade Verbal;
- Anexo 13: Comparação dos valores médios obtidos pelos subgrupos na dimensão Agressividade Verbal;
- Anexo 14: Comparação dos valores médios obtidos pelos grupos na dimensão Irritabilidade;
- Anexo 15: Comparação dos valores médios obtidos pelos subgrupos na dimensão de Irritabilidade;
- Anexo 16: Comparação dos valores médios obtidos pelos grupos na dimensão Hostilidade;
- Anexo 17: Comparação dos valores médios obtidos pelos subgrupos na dimensão Hostilidade;
- Anexo 18: Comparação dos valores médios totais obtidos pelos grupos;
- Anexo 19: Comparação dos valores médios totais obtidos pelos subgrupos;
- Anexo 20: Valores percentuais atingidos pelos grupos em todas as dimensões;
- Anexo 21: Valores percentuais atingidos pelos subgrupos em todas as dimensões;
- Anexo 22: Comparação discriminada dos subgrupos através do teste *Mann-Whitney*.